

EDUCAÇÃO PELA TRADIÇÃO DE MATRIZ AFRICANA E A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Teresa R de Lucena

*A escrita é uma coisa e o saber outra.
A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si.
O saber é uma luz que existe no homem,
é a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer
e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram,
assim como o baobá já existe em potencial em sua semente”.*
Tierno Bokar

RESUMO (10 linhas)

Este artigo está centrado na Educação pela Tradição de Matriz Africana a partir dos ensinamentos da Escola do Bê-á-bá de Angola, Malta dos Guris e das Gurias de Rua e o seu objetivo é chamar atenção para as convergências desta com a Educação Biocêntrica assim como os aspectos que significam importantes contribuições daquela para esta.

Escrevo a partir de entrevistas à Mestre Renato Capoeira, fundador e coordenador da escola, e de observações a aulas e eventos entre março e setembro de 2011. Muitas vezes irei reproduzir as suas palavras, por considerá-las com muita força de expressão. Também por considerar que é a melhor forma de transmitir a idéia pretendida com o artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Matriz africana, educação, tradição, biocêntrica.

Tierno Bokar Salif, falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Grande Mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. Cf. HAMPATÉ BÂ. História Geral da África, A Tradição Viva.

INTRODUÇÃO

Este artigo está centrado na Educação pela Tradição de Matriz Africana a partir dos ensinamentos da Escola do Bê-á-bá de Angola, Malta dos Guris e das Gurias de Rua e o seu objetivo é chamar atenção para as convergências desta com a Educação Biocêntrica assim como os aspectos que significam importantes contribuições daquela para esta.

Escrevo a partir de entrevistas à Mestre Renato Capoeira, fundador e coordenador da escola, e de observações a aulas e eventos entre março e setembro de 2011. Muitas vezes irei reproduzir as suas palavras, por considerá-las com muita força de expressão. Também por considerar que é a melhor forma de transmitir a ideia pretendida com o artigo.

ANTECEDENTES

Já venho tomando contato com a cultura e a arte africana há certo tempo. Desde 2007, quando ingressei na rede municipal de ensino como professora de arte, trabalho o tema com meus alunos. Neste ano de 2011 estou trabalhando também com um projeto de oficinas étnicas através da arte em uma escola. **Quanto** mais conheço, mais percebo a imensidão de minha ignorância sobre a cultura e da arte africana e afro brasileira.

Nossa ancestralidade negra não só não é cultuada, como ainda continua negligenciada pela educação institucional, em que pesem diversas iniciativas e alterações na legislação (Lei 10.639, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências). Em 2006 foi publicado um rico material dentro do Projeto A Cor da Cultura, que foi distribuído nas escolas de todo o país. Mas ainda é pouco consultado e utilizado no cotidiano, quando não foi extraviado. O desconhecimento é ainda muito grande, e temos muito trabalho pela frente.

Buscar assegurar que os professores na sua formação, e nossos alunos, nas suas escolas, em especial os afro-descendentes, conheçam a história de seus ancestrais, seus valores e sua cultura é também a valorização das suas identidades, a garantia do começo do fim do racismo e da construção de uma cultura inclusiva.

Ao pesquisar selecionei algumas informações importantes para os alunos, o que **me gerou (gerou-me)** uma profunda ansiedade, tanto pela percepção da montanha de informações e como por imaginar a dificuldade de **como** reter a atenção das crianças num contexto de muita exposição. A saída foi apropriar arte, a a poesia. Entre 2007 e 2008 trabalhei com meus alunos II Ciclo – equivale a alunos entre a terceira e a quinta série - 22 versos. Através desta estratégia trabalhamos muito conteúdo de forma prazerosa. Os versos foram ilustrados, transformados em pequenos livrinhos, em cartazes, em colagens. Reproduzo aqui alguns deles.

Esquecer os ancestrais,
é rio sem nascente,
é árvore sem raiz,
é fruto sem semente

A África é nossa mãe,
filhos dela todos somos,
encontraram lá sinais,
dos mais antigos humanos.

dois mil idiomas,
cinquenta países,
diferentes culturas,
fazem as suas raízes.

Neste mesmo ano conheci o Museu Afro Brasil, no Parque Ibirapuera em São Paulo. Era um dia incomum, estava quase vazio, quase na hora de fechar. Pude vivenciar uma profunda emoção, pela grandiosidade, riqueza, complexidade e beleza da arte africana e afro brasileira. **E pela minha ignorância. Pela ignorância do nosso país.(ficaram soltas essas frases)**

Cada vez mais fui realizando trocas com diferentes pessoas, artistas, educadores, que tinham este mesmo interesse. Conheci o livro sobre *Pedagogia Griô*, onde para minha surpresa e alegria estava a forte presença da Educação Biocêntrica através de Ruth Cavalcante. E decidi que este seria o tema da minha monografia. Inicialmente previa que fosse essencialmente teórica. Seguindo a busca, e comentando com Mateus, da ONG Ingá, fui apresentada por ele à Escola do Bê-á-bá de Angola e ao Mestre Renato.

A MALTA

A Escola do Bê-á-bá de Angola, Malta dos Guris e das Gurias de Rua é muitas vezes chamada resumidamente e carinhosamente de Malta. No local onde conheci Mestre Renato, a sede da ONG Ingá, no centro histórico, chegam alunos de diferentes procedências, que em sua maioria são estudantes universitários, até estrangeiros.

Mestre Renato é Mestre de Capoeira de Raiz Bantu/Angola, artista e escultor na construção de tambores, um educador da Tradição Familiar de Matriz Africana. Recepciona os alunos que o procuram com um acolhimento que estabelece rapidamente uma vinculação. Demonstra sua profunda sabedoria com simplicidade e persistência. Os que chegam são todos acolhidos igualmente, independente da idade, sexo, etnia, classe social, religião.

Esta é a primeira convergência com a educação biocêntrica que percebi: a afetividade. Ela está presente desde o primeiro contato de qualquer aluno com a escola, em cada ensinamento e mesmo nos momentos em que é preciso marcar determinados rumos, fazer uma crítica, chamar atenção.

Nas entrevistas que realizei com os alunos, fiz basicamente duas perguntas: 1 - O que vieste buscar na escola? E, 2 - o que encontraste na escola?

As respostas foram muito diversas, mas percebi que para todos foi fundamental a forma como foram recebidos e como foram tratados, o acolhimento, o sentir-se parte, e parte importante, desde o início. E muitos destacaram que não encontraram isto em outras escolas de Capoeira.

A escola funciona também na Restinga, na casa do Mestre Renato, como uma espécie de sede e oficina de construção de tambores; nas terças e quintas funciona no Nonoai Tênis Clube, onde predominam as crianças entre 7 e 12 anos.

Durante alguns meses funcionou também na rua – nas segundas feiras era embaixo do Viaduto da João Pessoa.

Fui entendendo cada vez mais o que significa a oralidade, a cultura oral: o poder da palavra falada, o poder da escuta, da audição atenta. Na oralidade o ensinamento está vivo, pulsante, respira, canta. Interroga, pergunta se tem dúvidas. Repete. Faz pausas, escuta, faz novas pausas. O ensinamento acontece no contexto. Num dia de chuva, pode ser que seja contada uma história onde o tempo também está prá chuva, ou nublado, ou já está chovendo.

Também fui aos poucos percebendo que registro dos ensinamentos que estava sendo realizado por mim era bem-vindo e considerado importante para Mestre Renato e para os alunos da Malta. Em que pese que o principal e essencial da cultura seja a transmissão oral, no mundo de hoje se faz necessário o registro escrito destes ensinamentos, talvez com risco de extinção. Tanto para dar suporte aos próprios alunos e professores, desta e de futuras gerações, como para divulgação e para contribuir no reconhecimento, valorização e continuidade se houver hiato na transmissão oral.

Percebo estes ensinamentos como preciosidades no meio de um mundo onde existem muitos discursos sobre a educação, mas na prática se valoriza uma educação onde a velocidade e a tecnologia são os ícones, onde não há muito espaço para o afeto e onde não se pode falar em alma, é uma educação sem escuta.

Estou tendo o privilégio de ler e contribuir para a organização de extenso material, que vem sendo escrito por Mestre Renato há muito tempo, com anotações que vão desde as bases da tradição, confecção dos tambores, jogos, cantigas e instrumentos da capoeira, passando por depoimentos de sua avó (já falecida), filha de uma escrava, até depoimentos autobiográficos. Assim, o acompanhamento das aulas e as entrevistas continuarão acontecendo após a conclusão deste artigo e serão uma contribuição à História da Escola do Bê-á-bá de Angola, Malta dos Guris e Gurias de Rua.

No Nonoai, acompanhei algumas aulas, entre junho e setembro de 2011, onde estão participando crianças, na sua maioria meninos, mas as meninas presentes destacam-se pelo desembaraço, agilidade e leveza de movimentos. São moradores de comunidades próximas. O Mestre os recebe com uma roda de conversa, muitas vezes com histórias, com ensinamentos sobre a Capoeira, sobre os significados das danças e das músicas.

Algo destacado e repetido é a importância do significado em cada elemento da cultura. Nada é gratuito, nada é sem sentido. Tudo tem um por que.

A música é oportunidade de aprendizagem de berimbau, tambor e outros instrumentos. Também são ensinadas e aprendidas cantigas de capoeira, primeiro a partir da repetição e depois a partir da criação. Logo mais os alunos serão desafiados a criarem os seus versos. É tema de casa de uma aula para outra.

Nas conversas com as crianças são transmitidos valores de comunidade, verdade, cuidado com a vida e com a natureza. Estes mesmos valores vão aparecer nas letras das músicas, que sempre tem uma mensagem.

Observei o tratamento igualmente firme e respeitoso para a única menina, entre oito aprendizes de capoeira e de tradição. Mestre Renato explica que toda cantiga tem significado, mostra que se a canção fala em lavar roupa, se faz o gesto com as mãos de lavar roupa e assim por diante. Conta uma história, alerta sobre alguma questão, dá um recado, abre a roda e o evento, recebe ou convida. Nenhuma cantiga é em sem significado. Toda a dança também tem uma encenação, uma dramatização. O corpo fala junto com a cantiga, ilustrando-a.

No dia 1 de julho de 2011 participei da festa junina, que estava inicialmente marcada para as 21h, no Largo Zumbi dos Palmares. Como estava muito frio e chovendo a festa foi transferida para o local das aulas da segunda feira, o espaço em baixo do Viaduto da Avenida João Pessoa.

Cheguei pelas 20h45 na casa de Patrícia, uma das alunas, que colocou sua casa na rede da escola. Ali estava sendo preparado quentão, bolo de fubá e pasteis para serem vendidos na festa. A Escola se prepara para uma viagem à Paraíba em setembro e estão juntando dinheiro para isto. Lá já estavam várias pessoas alunos da escola, e jovens estudantes de outros países.

Conversamos. Percebo em todos eles a presença do sonho de um mundo melhor, mais cooperativo, mais verdadeiro, mais amoroso.

Vamos de carro para o local, eu e mais duas pessoas, levando os tambores.

O restante vai a pé. Alguns ainda ficam esperando o bolo ficar pronto

Estacionamos o carro perto e vamos indo, encontramos o mestre no caminho e vamos para o local. Começamos os treinos com tambor e pandeiro.

Felipe vem logo e depois busca mais dois tambores. Aos poucos vão chegando mais e mais jovens.

Cada vez fico mais surpresa com a presença, força de vontade e alegria, numa noite tão fria e chuvosa. Já estamos tocando pandeiros e tambores, esquentando, Logo vai se formando uma roda mais compacta e o Mestre começa a chamar os alunos para jogar. As duplas vão assumindo o centro da roda. O jogo flui, como mágica, quem joga não sente frio, dança. Várias duplas se revezam. Fico maravilhada com os movimentos que vejo. Assisti treinarem na semana anterior, são iniciantes, mas assumem o desafio com coragem, beleza e uma espécie de mágica.

O NOME, OS OBJETIVOS E OS SONHOS

O nome da Escola tem toda uma história, onde ficam explicitados seus objetivos e seus sonhos.

Começamos a formar a Escola do Bê-á-bá de Angola, Malta dos Guris de Rua. Propusemos o nome de Escola porque nós tínhamos um sonho, uma ideia - e ainda temos - de formar a primeira Escola de Tradição do estado e talvez do Brasil. **Escola que** trabalhasse a questão da confecção dos tambores, dos fundamentos, princípios e conhecimentos direcionados a resgatar toda a tradição da cultura negra. Onde se pudesse também contribuir para formar a identidade desses jovens e dessas comunidades mais populares.

O nome escolhido foi Escola do Bê-á-bá por que a gente trabalha muito a base da capoeira, a base do samba de roda, a base da confecção dos tambores, a base de todos esses conhecimentos que pra nós são importantes.

Bê-á-bá por que também é base de toda uma educação familiar, étnica, social, cultural, política e religiosa. Então ela é a base, o começo.

De Angola por que a gente está muito envolvida com a cultura Bantu, de Angola, Congo.

E Malta por que em sua maioria eram já homens de periferia mesmo. E os grupos de capoeira do Rio de Janeiro se chamavam antigamente de maltas, como hoje se chama de gangues. Então malta vem dessa idéia também, desse sinônimo que também se usava na época.

Dos guris e gurias de rua por que na verdade eram tudo jovens com essa caminhada, já tinham essa experiência de rua, não moradores de rua, mas com essa caminhada de rua. Assim a Escola do Bê-á-bá de Angola vem com essa finalidade, uma proposta de ensinamento informal, das nossas tradições. Além da capoeira, do samba de roda, da construção de tambores, entrariam nesta Escola: brincadeiras africanas, penteados afros, a questão da língua kimbundo, entendimento da Tradição Bantu, que é uma raiz. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011).

CONVERGÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Percebi inúmeras convergências entre as duas propostas de educação, sendo uma das mais importantes a convergência do *Princípio da Integração ao Todo* com o *Princípio Biocêntrico*. Outras convergências são a circularidade, a musicalidade, ludicidade, corporeidade, sacralidade.

Nos parágrafos abaixo temos uma série de coisas importantes colocadas de forma conclusiva. Mostrar como chegou elas. É importante para o leitor.

Na tradição africana tudo está interligado e integrado, toda vida está conectada. O princípio da *Integração ao Todo* entende a vida no universo como um todo integrado, reconhecendo a interconexão e interação do ser humano com a natureza. Integrar-se é tornar-se inteiro, sem perder a identidade, sem segregação de nenhuma espécie.

Este princípio é convergente com o Princípio Biocêntrico, sobre o qual a Educação Biocêntrica se estrutura.

Ele tem como referência a vida e como inspiração as leis universais que conservam os sistemas vivos e possibilitam sua evolução. Propõe um sentir e um pensar que tem sua centralidade na vivência, partindo da vida que acontece no instante vivido, no aqui e agora. O universo é um sistema pleno de vida, do qual participam todos os seres vivos, animais, vegetais, humanos e tudo mais, da menor partícula ao mais distante elemento estelar. Toda a vida está relacionada e interconectada, formando uma rede em permanente interação.

“Isso significa que estamos saindo de uma visão mecânica, fragmentada, reducionista, linear, que separa o ser dos seus relacionamentos, para uma visão quântica, em que os seres estão relacionados e interconectados, formando um complexo sistema vivo, uma teia e constante interação”. (Ruth Cavalcante, no artigo Aprendendo e ensinado com a Educação Biocêntrica, no livro Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da vida.)

Os ensinamentos da Escola acontecem através da cultura oral, através da capoeira, das histórias, das dança, das cantigas, das brincadeiras. A educação não está restrita ao espaço da escola e nem a um espaço específico, mas acontece o tempo todo, em baixo das árvores, nas ruas, nas rodas de capoeira, dentro de casa, nas interações da família, no cotidiano enquanto as crianças brincam, se alimentam, nos momentos em que acontecem nascimentos, casamentos, nas despedidas, nas passagens. A educação está em toda a vida que acontece.

Eu acho que a Malta tem uma característica diferenciada. Por que é sempre momento de educar, de passar um ensinamento. Ela não funciona como um lugar fechado com um endereço próprio. E sim, a escola está onde está reunida a Malta, que tem essa forma de ensinar e passar as questões que sejam importantes na vida de cada uma das pessoas que participam do grupo. Então ela é uma escola itinerante. Sem um endereço próprio. Onde está um integrante da Malta a escola está junto. (Mestre Renato Capoeira, Entrevistas, 2011)

A metodologia da Educação Biocêntrica busca estar em permanente e profunda conexão com a vida, recuperando o sentimento de comunhão, o cuidado com a vida e a alegria de viver, em contraponto à cultura dominante que privilegia o poder e o dinheiro; o desenvolvimento da afetividade, da percepção ampliada e da consciência ética em contraponto à cultura da desigualdade, da vaidade e do consumismo.

Este mesmo paradigma permeia os ensinamentos da Escola do Bê-á-bá de Angola, uma escola aberta, viva, que busca passar a tradição africana, impregnada de valores como a ética, a integração à natureza, a sacralidade.

A tradição africana é complexa: ao mesmo tempo em que possui fortes e importantes características gerais, possui uma rica diversidade de expressões e assim não pode ser generalizada. A cultura africana nas suas grandes constantes e em algumas de suas especificidades, como a tradição Bantu, está presentes nas falas de Mestre Renato, nas atitudes, no modo como ensina cada movimento de Capoeira, cantigas, ritmos e músicas, no modo como conta as histórias e passa os ensinamentos sobre a vida, a natureza e o sagrado. E está sempre presente a percepção sensível e o profundo respeito às diferenças, que assim como se configuram nas diferentes regiões e etnias da África, se manifestam nas particularidades existentes nos grupos e escolas de matriz africana.

Quando se fala de “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há *uma* África, não há *um* homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias. Claro, existem grandes constantes - a presença do sagrado em todas as coisas, a relação entre os mundos visível e invisível e entre os vivos e os mortos, o sentido comunitário, o respeito religioso pela mãe, etc. -, mas também há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes variam de uma região a outra, de uma etnia a outra; às vezes de aldeia para aldeia. (*Amadou Hampâté Bâ, 2003*)

Muito rico. Esse depoimento acima pode ser “explorado” melhor.

Outra convergência é a presença do diálogo, que fica registrado no texto a seguir, realizado por um acadêmico da UFRGS, também aluno da escola:

Dentre os trabalhos desenvolvidos pela Escola destaco quatro pontos, nos quais foquei minha observação e que relatarei agora:

1) Formações teóricas abordando temáticas como tradição, cultura e outros temas que estão relacionados com o trabalho do grupo. Em um desses momentos que pude observar em que foram tratados esses assuntos, o professor, Mestre Renato, abordou esses temas utilizando histórias, desenhos, associações e a aula era um diálogo aberto, onde os alunos podiam a qualquer momento fazer intervenções, perguntas ou comentários sobre o tema. É comum no trabalho da Malta ter esses momentos de discussão mais teóricos, até para saber do que o grupo trata e em que se baseia seu trabalho, quais as origens, princípios e etc.

2) A Capoeira Angola é um dos eixos centrais da escola. É por meio dela que a maioria das pessoas acaba chegando ao grupo e depois descobrem os outros aspectos trabalhados. É uma atividade complexa, entendendo complexidade como a existência simultânea de diferentes elementos. Pode-se então dizer que a capoeira é ao mesmo tempo uma dança, um jogo, uma filosofia, uma luta, um esporte e outras coisas. Pode-se entender a capoeira também como uma espécie de confraria, pois possui símbolos e códigos específicos, que embora variem de grupo a grupo, unem a todos os capoeiristas que uma vez dominando alguns desses códigos **então** podem chegar em uma roda de capoeira em qualquer lugar do mundo.

3) O Samba de Roda é também um dos elementos trabalhados pelo grupo que também serve de porta de entrada na escola, as pessoas vêm buscando saber mais sobre o samba e acabam descobrindo e se interessando pelos outros aspectos trabalhados pelo grupo. O samba de roda praticado nessa escola é um ancestral do samba difundido a partir da década de 1920 no Brasil. Trabalha a dança, o canto, o toque de tambores e de outros instrumentos, além de ser uma aula de relacionamentos, todos expressos no universo da roda que aceita a singularidade de cada um em um espaço que é formado por todos.

4) Por fim, outro elemento que a escola trabalha é a Confecção de Tambores, tradição ancestral que trabalha inúmeros aspectos envolvidos na fabricação dos tambores: relação com a natureza, que é a mãe fornecedora dos materiais necessários; espiritualidade, a partir da concepção de que o tambor é um ser vivo (Orixá) e que seu toque não é simplesmente uma música, mas uma espécie de portal de ligação entre o mundo material e espiritual.

Algumas peculiaridades da escola:

- Todos são a um só tempo alunos e professores, pois enquanto aprendem com o Mestre e com os companheiros de grupo, ensinam o que sabem e ajudam os que estão chegando.

- Todos são responsáveis pela existência do grupo e por sua manutenção, uma vez que a escola não recebe financiamento externo se sustenta por meio da participação dos integrantes, que organizam eventos para arrecadar fundos e manter os trabalhos, além da mensalidade que, quando possível, pagam ao Mestre Renato, que é a referência do grupo e quem traz consigo todo esse saber.

- Os integrantes são como uma grande família que por muitas vezes se reúne simplesmente pela vontade de estar juntos (Felipe Bischof, 2011)

Todos que chegam à escola são convidados para todas as atividades, que acompanham na medida de suas possibilidades. Existe um grupo menor que é mais assíduo, que acompanha quase todas as atividades e está mais comprometido com a escola e existe parte dos participantes que varia bastante na frequência. Os alunos sentados na roda sempre são convidados a darem sua opinião e depoimento, nos mais diferentes assuntos e a cada ensinamento. Sempre são perguntados pelas suas dúvidas.

A Capoeira de Angola, especificamente, já foi tema de uma edição especial da revista Cadernos da Biodança, em 1996, com o artigo: Uma Concepção Biocêntrica da Capoeira, de Sanclair Lemos, capoeirista e facilitador didata de Biodança. Feliciano Flores, na apresentação do artigo nos diz: A Capoeira tradicional ou de Angola, é uma das mais ricas expressões da cultura popular negra do Brasil. ...Este jogo-luta-dança se compõe de belos movimentos, ricos em malícia e picardia, que harmonizam o ritmo do berimbau e das ladainhas ao alegre prazer da brincadeira e à seriedade do ritual.

Música, movimento, dança, alegria, prazer de viver são também elementos da Biodança, criada por Rolando Toro e fundamentada no Princípio Biocêntrico.

Assim, proponho que para a constituição de uma cultura biocêntrica brasileira se faz necessário assumir a necessidade de conhecer cada vez mais profundamente a cultura africana afro-brasileira, e integra-la aos conteúdos estudados.

A educação pela tradição africana, na sua abundância de vivência em coletividade e compartilhamento, assim como a educação biocêntrica, tem decisiva contribuição para uma reinvenção da educação a favor da vida, da humanidade e do planeta.

Identifiquei também importantes contribuições ao enriquecimento da proposta da Educação Biocêntrica, e será sobre essas que a seguir desenvolverei o principal do presente artigo: a Oralidade; a Ancestralidade; a Senioridade, o Comunitarismo e a Memória.

CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

ORALIDADE

A educação pela tradição africana acontece todo o dia, desde que a criança nasce. São transmitidos ensinamentos nos afazeres domésticos, nos consertos e manutenção dos instrumentos, objetos e da própria casa. São entoadas canções, são contadas histórias, que muitas vezes acompanham outros ensinamentos.

São fazeres que vão desde a construção de uma pandorga, de um carrinho de madeira, de uma boneca de pano, passando pelo cuidado com uma árvore, um animal, e vão até a percepção do sagrado da vida e da morte.

Com as crianças são conversados os assuntos todos, com linguagem apropriada. A verdade é cultuada.

A oralidade é de extrema importância para concretização dos saberes do povo africano, tornando vivo o imaginário social e cultural. Os ensinamentos passados de geração para geração não são teóricos, não estão escritos em nenhum livro ou manual. São vividos intensamente na família ou nas escolas de Capoeira. São comparados com a natureza. Cada ensinamento, cada aprendizado tem uma história que é contada repetidas vezes, e com inúmeras ligações a outros aprendizados.

Nas comunidades tradicionais, principalmente, os ensinamentos são transmitidos de geração para geração pelos familiares, pela comunidade, pela escola, sobretudo por meio da oralidade, da arte de contar histórias que trazem diferenciadas visões de mundo, lições para a vida, lembranças para a memória coletiva. Nessas culturas valoriza-se aquele que consegue armazenar histórias e fatos em sua memória. Em muitas culturas, especialmente as tradicionais africanas, os guardiões da história em diversas regiões da África desenvolvem grande capacidade de memorizar o maior número de informações a respeito da linhagem de uma família, da organização política de um grupo, das funções de determinadas ervas utilizadas para a cura de doenças, da preservação das tradições: são os griots, contadores de história, guardiões da memória. (Orientações e Ações para a Educação das relações Étnico Raciais. Brasília: SECAD, 2006)

A oralidade pra mim é um ser vivo. A partir do momento que se tem o poder da palavra ela dá vida a qualquer coisa. Então, é o momento que te deixa mais próximo à outra pessoa que está falando. E a oralidade tem uma constante, ela tem que ser sempre repetitiva. Ao contrário da visão europeia, quem conta um conto não aumenta nenhum ponto. Ela tem que ser da mesma forma. Os valores, as questões todas. Não existe isso: Ah, mas quem sabe mudar por que estamos em novos tempos. Não existe isso. Um valor é um valor sempre e não tem como muda-lo. Então a oralidade faz isso e tu podes entender isso como vida. Por que a oralidade necessita de vivencia e a partir do momento que eu conto uma história, na visão africana, eu conto um fato, eu conto uma história para ti e tu és responsável por essa história também. Então, essa história também agora é tua. Por que tu tens esse compromisso de contar da mesma forma. Sem modifica-la, por que a mudança dela pode alterar todo o percurso da história. Então a escrita é muito mais fixa, concreta, ... ela tem a questão de marcar um fato, mas não de construí-lo. Não há relação de construção junto. Então, acho que a diferença da oralidade e da escrita é a tua interpretação de um texto que tu não tem como dialogar com o dono. (Renato Capoeira, Entrevistas, 2011)

Ao aprender a fazer um tambor, também acontece o aprendizado de valores, entre eles a necessidade de cuidar e cultivar a relação entre os seres humanos, observar e respeitar toda a natureza, a verdade, o perdão. Na repetição está o respeito a história e à simplicidade. Acontece também a comparação, o uso do exemplo, a analogia. Aquilo que acontece na natureza, acontece também com as pessoas.

...o primeiro tambor que eu consigo identificar foi feito com a madeira de um velho abacateiro dos fundos da minha casa, que eu vi crescer.

Era novinho ainda e eu era muito brigão nessa época. Brigava com meu irmão, por cima dele, por cima das árvores. E numa dessas vezes a gente brigou e quebrou parte desse abacateiro que era novinho. A minha vó pegou um pedacinho de cordão e um pauzinho, nos chamou e disse: - “*Tá vendo esse abacateiro? Se eu não arrumar enquanto é cedo, não tem jeito, cresce torto*”.

E assim foi uma das primeiras aventuras que a gente teve antes de chegar a esse tambor, que foi meu primeiro tambor.

Com o passar do tempo esse mesmo abacateiro que nos serviu de sombra, nos serviu frutas - a gente ficava lá espiando os gambás, as lagartas passarem para o fundo do nosso pátio - esse abacateiro caiu. Muitas vezes subi nele em dias de temporal, pra brincar, pra ver ele se balançar. E foi quando ele caiu que eu comecei a fazer meu primeiro tambor, já com essa maior orientação do meu pai, de como trabalhar com as ferramentas nele e tudo o mais. Eu acho que eu deveria ter uns treze, quatorze anos.

Meu pai me dizia muito:

“- Tá vendo esse tronco que tem as marcas aí das cordas do varal, dos arames, dos pregos das escadas que vocês botaram pra subir em cima dele? Esse abacateiro é que nem gente. Quando a gente passa pelas pessoas e deixa cicatrizes nelas, marca elas, judia delas, muitas vezes o tempo não apaga. E com esse abacateiro vai ser a mesma coisa, tu vai lixar, lixar, lixar e muitas dessas marcas nunca mais vão desaparecer”.

Então essa foi a primeira experiência que eu tive com o abacateiro, o meu pai me falando isso do tambor. Essa era a forma dele me educar através desses tambores, ou à minha família toda, sempre em torno *de pegar exemplos das coisas do mundo pra poder me explicar como funcionava, era essa forma de educação*.

...Repetir, repetir, repetir, e quando estiver cansado, repetir mais uma vez.

A tradição africana é muito simples, as coisas todas são diretas e simples. De fácil entendimento. Na verdade a repetição é porque as situações são sempre parecidas, então a gente acaba repetindo, repetindo, repetindo até que as pessoas aprendam, especialmente nossos jovens. Que aprendam dessa forma, pela repetição contínua, para a gente dar a mesma continuidade, e não modificar a nossa história, não modificar o ensinamento. Por que se a gente deixar, começar simplesmente a questionar o conhecimento, aí vai haver tanto questionamento para um conhecimento simples que acaba mudando o pensamento inicial, que era simples.

Pra mim é uma grande dificuldade trabalhar com estes vários conceitos e até mesmo discutir a tradição, mesmo que seja a capoeira ou samba, dos outros grupos, porque só eles sabem como funciona dentro do seu grupo e a necessidade de ser feita desta forma. Assim como só eu sei como foi me ensinado de fazer tratamento dentro da minha família. Então, mesmo que outra pessoa tenha outro conceito, se começarem a conceituar muito - o que eu estava propondo é ninguém sabe ensinar meus filhos - modifica toda a

idéia. Modifica toda a ideia, modifica toda a ação. Então a repetição e até mesmo a criação dos meus cinco filhos por mais que me pareça que os cinco são diferentes a educação que eu dou a eles é a mesma. E o resultado que eles têm que dar a tudo isto tem que ser o mesmo. Porque mesmo todos eles são adolescentes e tem os seus conflitos e o que eu sempre trato com todos eles é a verdade. A verdade para poder trabalhar a questão da simplicidade e da ação correta. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011)

ANCESTRALIDADE

A ancestralidade é o reconhecimento profundo, aos ancestrais, àqueles que já se foram e aos seus saberes. Existe quase um culto àqueles que vieram antes de nós e são os responsáveis pelo caminho que o conhecimento percorre através do tempo. Os ensinamentos são passados através de histórias e da fala presente na vida cotidiana, seja no momento de ensinar a construção de um tambor, seja na ora de ensinar a ser generoso ou solidário com seus semelhantes.

A valorização dos ensinamentos ancestrais como algo sagrado. A verdade e a preocupação com ser uma pessoa educada, é uma dívida com aqueles que já se foram.

Em África a história do eu está vinculada a história de seus ancestrais. O eu faz parte de um todo e é importante justamente porque compõe este todo e não o contrário. Portanto, a ancestralidade envolve também a perspectiva da memória para a construção individual e coletiva dos grupos. (Rocha, Rosa Margarida de Carvalho)

Através da história dos ancestrais se transmite de uma geração para outra o significado da existência humana. Está presente em especial nesta fala inicial do Mestre Renato:

Eu sou filho de Dona Nelma, uma mulher, negra, guerreira, que foi liderança da Vila Maria da Conceição. É filha de Dona Siza que veio da cidade de Dom Pedrito junto com seus irmãos pra criar sua filha.

...“Dona Siza é filha de Universina, uma senhora negra que veio de uma cidade do Uruguai.... Quando (Universina) nasceu foi colocada na estrada pra morrer, pois era filha de um estupro do fazendeiro com uma escrava e a companheira dele achou melhor a eliminar. Dela eu só sei algumas partes da história que a gente conheceu por Tia Avó Maruta, uma negra, escrava do interior do estado do Rio Grande do Sul.

...Eu sou um fazedor de tambores. Eu sempre fiz tambores. Meu pai fazia tambor. O pai do meu pai fazia tambor. O pai do pai do meu pai também fazia tambor e o pai do pai do pai do meu pai também fazia tambor. Meu filho faz tambor, minha neta faz tambor. Porque é a forma que a gente encontrou de continuarmos nos comunicando com nossos ancestrais e mantendo viva a nossa tradição.

Nós fomos educados através dos tambores e meus quarenta e poucos anos de idade se tornam quatrocentos através da essência dessa prática da nossa tradição. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011)

No objetivo principal da Escola está presente a ancestralidade: transmitir os conhecimentos, ensinamentos que vão desde a construção de instrumentos musicais, com especial destaque para os tambores, até a maneira de resolver conflitos e problemas em um grupo ou família, valores éticos, cantos, danças, histórias, enfim, transmitir tradições que vieram da África junto com os antepassados para as próximas gerações, para que estas passem para os que virão e assim por diante.

...E uma coisa que eu sempre prego muito e que minha mãe sempre me dizia, era que poderiam me chamar de tudo, mas só não poderiam me chamar de mal educado. Por que se me chamassem disso estariam ofendendo a educação que ela me deu e que meus familiares, a minha vó me deu. Então, são coisas que eu sempre tento, ainda, ensinar aos meus filhos. Eles podem fazer as escolhas deles, mas

todas elas, sejam quais forem, tem que fazer de acordo com a educação que tiveram. Por que foi dessa forma que meu pai me ensinou. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011)

Existe a preocupação com a continuidade dos ensinamentos através tradição africana, que depende do comprometimento dos jovens negros com a assiduidade na escola, pois se trata da descendência. Hoje este é um desafio bem presente para a escola.

Então, quanto à questão dos tambores, é uma proposta que eu tenho muito séria. Por que é a ferramenta que eu mais uso pra falar com meus ancestrais. E hoje mesmo também essa é a grande dificuldade dos meus próprios filhos de conseguirem manter vivo isso, de darem continuidade a isso. Por que na verdade o sistema a sua volta os empurra pra outro caminho que não é mais a tradição. Então, e toda vez que um deles se afasta são muitos dos meus ancestrais que acabam sendo esquecidos também. E a tradição acaba morrendo. Eu fico preocupado por que ao mesmo tempo eu não sei se essa tradição contada por outras pessoas, de outra etnia, teria essa mesma força. Por que na verdade, não que eu fale isso por maldade, mas que não é a tradição delas. Então por mais que tenham carinho, dedicação e tudo mais não é a elas que ela surgiu e veio pra modificar e poder construir a pessoa como ser. Apesar de a tradição negra ter uma grande força que ela recebe todo mundo, ela não discrimina. Qualquer um pode ser capoeirista, qualquer um pode fazer tambor, qualquer um pode ser de candomblé, qualquer um pode ser o samba né. Só que muitas das pessoas que acabam se inserindo nessa história acabam depois se esquecendo disso e dizendo que não é mais assim, que ela é de brasileiro e tudo mais e ficam mais preocupados com a sua prática do que realmente com a sua essência. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011)

As longas citações como essa acima, elas tomam sentido no teu trabalho quando servem para ilustrar o que você está argumentando, mostrando, dialogando. Podem ser o início da tua conversa ou a confirmação daquilo que queres mostrar. Continua lendo muito e exercitando essa forma de pesquisa integrada, dialogada, viva.

SENIORIDADE

É o respeito aos mais velhos, e a valorização das suas vivências, da sua memória, suas experiências de vida. Está intimamente relacionada com a ancestralidade, mas se refere especialmente à relação com os pais, avós, bisavós e outras pessoas com quem estão convivendo, os contemporâneos, que no cotidiano transmitem os ensinamentos tradicionais.

Regra geral, na nossa cultura, os seres humanos depois de certa idade, passam a ser incômodos. Os velhos não só não são escutados – existem até uma infinidade de piadas sobre isto - como são descartáveis, esquecidos, discriminados, maltratados. Para a tradição africana, olhar um velho é pensar: quanta história ele tem para contar, quanto ele tem para ensinar.

COMUNITARISMO

Existe outro sistema, fora dos sistemas capitalista ou socialista, o comunitarista. Está intimamente ligado ao valor Circularidade.

O Comunitarismo está ligado a uma intuição de proteção da vida da cultura negra. A ajuda de uns aos outros, o sentimento de irmandade, a percepção de que necessitavam uns dos outros foi fundamental para manter viva sua cultura, sua arte, música, seus valores sagrados, sua história.

Em inúmeros momentos na vivência com a da Escola do Bê-á-bá de Angola, percebi o Comunitarismo. Ele é uma forma de trabalhar e uma relação de grupo que contribui para melhor alcançar objetivos comuns. Desde as chamadas constantes que o Mestre faz, para que alunos mais antigos vão assumindo a coordenação da aula de Capoeira, até a forma como são organizados os eventos, como são distribuídas as atividades e responsabilidades. Na forma como a palavra circula, como é colocada a disposição de todos, dos mais velhos aos mais jovens. Especialmente importante foi observar que nas rodas de Capoeira com as crianças, o mesmo estímulo acontece, para que se manifestem, para que falem. Mesmo que sejam tímidos e poucos falem no início, encontro após encontro a palavra é colocada a disposição, para que todos compreendam, pouco a pouco, o seu poder.

A circularidade propõe a horizontalidade nas relações humanas, a ciranda dos saberes, a hierarquia como serviço ao outro. O Comunitarismo torna equânime todos os participantes do processo e a singularidade de cada um supõe a partilha de saberes. Socialização do que se possui, sem hierarquização. (Rocha, Rosa Margarida de Carvalho. Pedagogia da Diferença. Belo Horizonte, Nandyala, 2009.)

O Comunitarismo está presente na forma como se festeja uma vitória individual, de alguém que passou em um exame ou em uma prova difícil. Foi o caso de uma integrante que passou no exame da OAB – Ordem dos Advogados do Brasil, e fez questão de colocar sua vitória individual como uma vitória também do coletivo, em uma das Conversas de Tambores.

É o sistema comunitário, onde as pessoas todas, de alguma forma se envolviam e se ajudavam. Mães, pais, família e tudo mais. Acabavam se ajudando nesse sistema, tanto nas festas quanto nas atividades.

A gente fazia roupas com sacos de farinha e as mães costuravam. Nós fazíamos pintura nos tecidos pra fazer as calças e tudo mais. Então as nossas roupas eram feitas dessa forma também, e na época também estava em alta esse tipo de material, então ficavam roupas até bonitas. (Mestre Renato Capoeira – Entrevistas, 2011) .

No Projeto A Cor da Cultura, Coordenado pelo Canal Futura, o Comunitarismo aparece vinculado ao sentido de cooperação, de coletividade, presente na cultura negra:

Acreditamos que não existe cultura negra sem coletivo. Pensar em fricanidades é pensar no coletivo, em pessoas, em diversidade, em cooperação, em comunidade.

O projeto A Cor da Cultura reconhece a importância e o valor da História e da cultura negra ou africana e afro brasileira, o que implica em saber dividir, ser companheiro (malungo) dividir/compartilhar o espaço, o poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando articular a Educação Biocêntrica e a Educação pela Tradição Africana proponho ligações e diálogos entre os princípios das duas fontes de conhecimento.

A construção de uma educação de qualidade que tenha como seu referencial a Vida, necessariamente precisa respeitar e valorizar a diversidade e as peculiaridades da população brasileira.

Muitas têm sido as lutas, e já foram conquistadas vitórias, mas a vida está nos mostrando que não é suficiente a existência de leis, por melhores que sejam. Ainda é imensa a distância entre a legislação e os documentos pedagógicos, e principalmente a distância das intenções com a prática cotidiana nas universidades e nas escolas, que ainda sofrem com descasos anteriores, aqui nem mencionados. Mas é preciso registrar que o descaso é sempre maior nas áreas mais pobres, onde também existem mais negros.

Não bastam boas leis, se aqueles que acreditam no projeto ou no sonho de uma educação biocêntrica no país, não incluírem na ordem do dia a questão da diversidade étnica.

Mais da metade da população brasileira é descendente de africanos, e continua sendo excluída e discriminada, intencional ou não intencionalmente. Existe uma profunda ignorância sobre a cultura africana, sobre os valores afro-brasileiros, sobre sua arte.

E é neste ponto que a articulação das duas “Escolas” pode ser potencializadora de desenvolvimento e retroalimentação, trabalhando estes elementos nas escolas e universidades, com alunos e especialmente com professores:

- A valorização da identidade e da diversidade;
- O respeito e a valorização da expressão destas singularidades na arte e na cultura, seja na história seja no momento presente;
- O cultivo pelo desejo da pluralidade, como elemento essencial da humanidade;
- A integração das diversidades como elemento fundamental do fortalecimento da identidade brasileira e da humanidade para uma educação afetiva.

BIBLIOGRAFIA

AMADOU Hampate Bâ. Amkoullel, o menino fula.

_____. A Tradição Viva. História Geral da África, Capítulo I.

CAPOEIRA, Renato. Entrevistas. Texto, 2011.

_____. Tradição – A Arte de Viver de um Povo. Texto, 2011.

BISCHOFF, Felipe. Texto, 2011.

BRANDÃO, Ana Paula. Modos de Interagir, Caderno de Atividades do Projeto A Cor da Cultura. Coordenação do Projeto:. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

LEMOS, Sanclair. Uma concepção Biocêntrica da Capoeira. Cadernos de Biodança. Porto Alegre, 1996

Orientações e Ações para a Educação das relações Étnico Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

PACHECO, Lilian Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da Vida.. Lençóis, Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Pedagogia da Diferença. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

POLÍGRAFOS, Textos e anotações das aulas do Curso de Pós Graduação em Educação Biocêntrica UNISC/Unificado, 2010, 2011.